

A Fernando Pessoa
a' mais forte intellectu-
alidade da nova gera-
ção literária
homensagem dos
seus admiradores
e amigos
Augusto Cascaes
Antonio Fernandes

DOS MESMOS AUTORES

LIVROS A SAIR:

Um segundo volume de quadras.

De ANTONIO FERRO:

PEREGRINO... (versos).

ÓPIO — prosas — (Na curva do meu sonho..., O cavaleiro, o velho do castelo, Balada do Fogo, Alem-Poeta...).

CILICIOS DE ALMA — versos (Estados morbidos).

De AUGUSTO CUNHA:

UM LIVRO DE CONTOS HUMORISTICOS.

CONTOS DE REIS — (narrações).

TEATRO — (1.º volume).

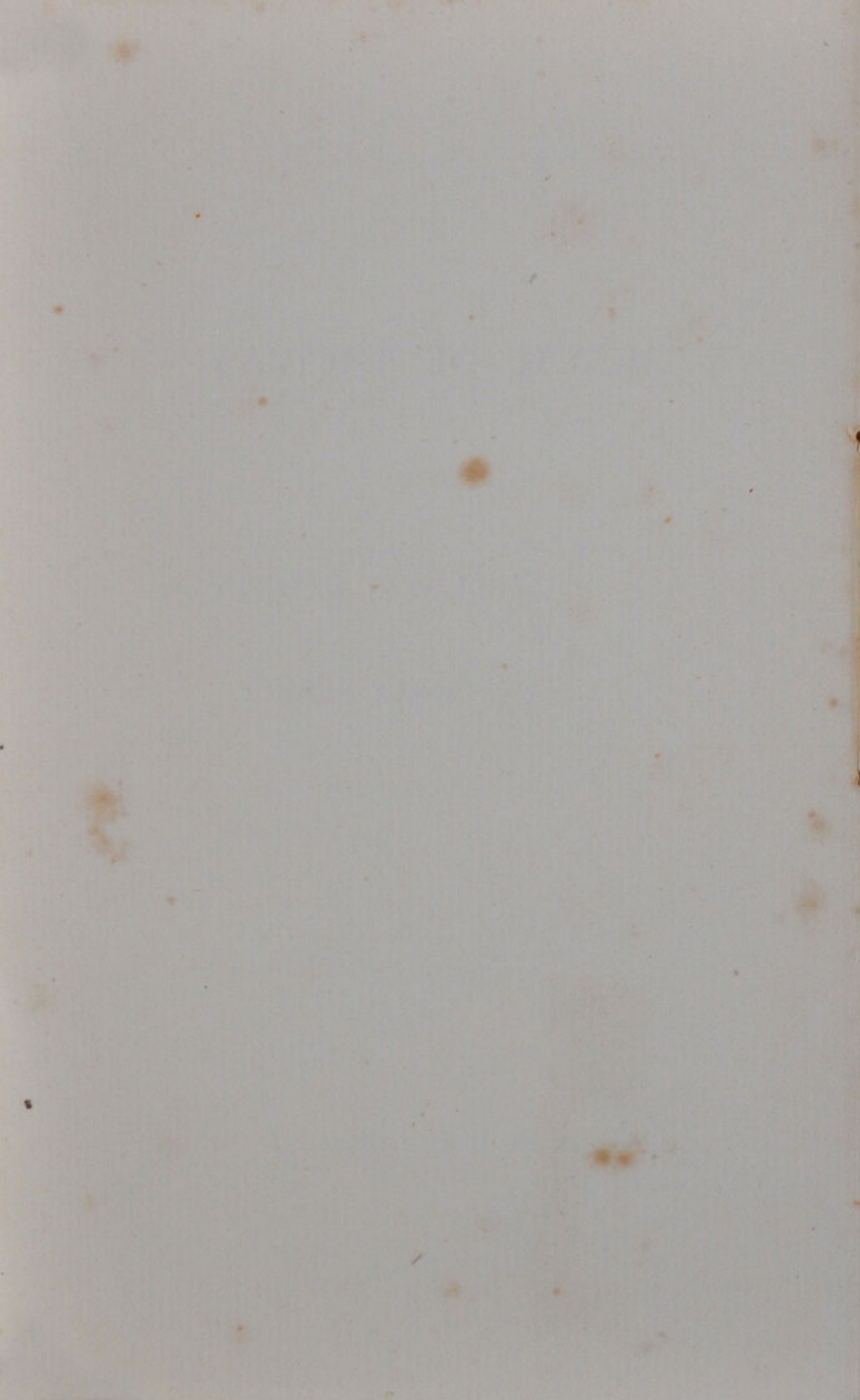
MISSAL DE TROVAS

AUGUSTO CUNHA

E

ANTONIO FERRO

QUADRAS DOS 17 E 18 ANOS.



A

AUGUSTO GIL

E

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA



A QUADRA POPULAR

(Opiniões d'alguns poetas portuguezes
sobre o MISSAL DE TROVAS)

Gosto muito do *Missal de Trovas*. É um livrinho ingénuo e carinhoso, em que a emoção dos nossos cantares tradicionaes revive com delicadeza, com ternura e com um doce encanto popular.

16-IV-1914

JOÃO DE BARROS

A quadra é o vaso de flores que o Povo
põe á janela da sua Alma.

Da orbita triste do vaso obscuro a graça
exilada das flôres atreve o seu olhar de
alegria.

Quem faz quadras portuguezas comun-
ga a alma do Povo, humildemente de nós
todos e errante dentro de si propria.

Os autores d'este livro realizaram as suas
quadras com destreza luzitana e fidelidade
ao instinctivo e desatado da alma popular.

Elogial-os mais seria elogial-os menos.

17-IV-1914

FERNANDO PESSOA

MELODIAS portuguesas, trigueiras de aventura—ceu limpo; fim de tarde...

—Ó ranchos de amorosos que eu não verei nunca... suavidade... suavidade...

.....
Rios dóceis, ao luar, de águas cristalinas para lagoas azuis.

Clareiras relvadas nas florestas serenas...

Nostalgias e rezas—enleios, beijos perdidos, mãos dadas.

Cantares de ternura que o sol abençoa num enlevo acendrado, latejantes de roseos, transparentes em loiro...

18-IV-1914

MARIO DE SÁ-CARNEIRO

QUADROS do nosso cancionero dão-me a alma portuguesa por modo melhor que grandes livros. Byron, depois de nos insultar no Harold, enteneceu-se connosco através dos quatro versos d'uma cantiga. E nada me revela o fundo do amor portuguez como estes versos adoraveis:

A boca do meu amor
E' uma rosa fechada.
Hei-de abri-la com beijinhos
Depois de abri-la, cheirá-la.

3-V-1914

AFONSO LOPES VIEIRA

.... é uma fina e leve serenata lirica sob a janela feiticeira e misteriosa do amor....

12-VI-1914

JOÃO LUCIO

O *Missal de Trovas* é um documento vivo da poesia popular. A evolução do lirismo moderno está a fazer-se no sentido da maxima simplicidade de expressão. Antonio Ferro e Augusto Cunha mostram-se identificados n'essa nova corrente de ingénua e fecunda belleza. Nas suas quadras, d'um tão acre perfume, palpita e resplandece a alma do povo. Não ha arte mais complicada do que a arte de parecer simples.

10-V-1914

JULIO DANTAS

DIZ-SE com razão que Portugal é um paiz de amorosos. Basta ver como a exaltada ternura sexual que é para o portuguez o amor, faz nascer na alma de cada adolescente da raça, rapaz ou rapariga, um momento ao menos na mediocridade dos seus dias, a divina flôr espiritual da cantiga *popular*, maravilha de arte inegualavel, d'uma frescura de bonina orvalhada, d'uma graça luminosa de filigrana, da arrebatada paixão dum canto de cotovia. São bem de moços portuguezes as pequenas redondilhas do

Missal de Trovas

15-V-1914

ALBERTO OSORIO DE CASTRO

HOUVE não sei onde, num lindo lugar deste lindo país, um livro destinado a compendiar as opiniões dos turistas. Cada página abrangia duas colunas: uma, a da esquerda, destinada á prosa elogiadora do cavalheiro ou madama e a segunda, á direita, para os nomes, profissões e naturalidades.

Ora succedeu que o primeiro visitante escreveu isto: *Bonito panorama!* Depois na coluna da direita ensilvou de rabioscas tabeliôas o seu nome eufonico de Manuel Antunes, juiz de paz em Barcelinhos.

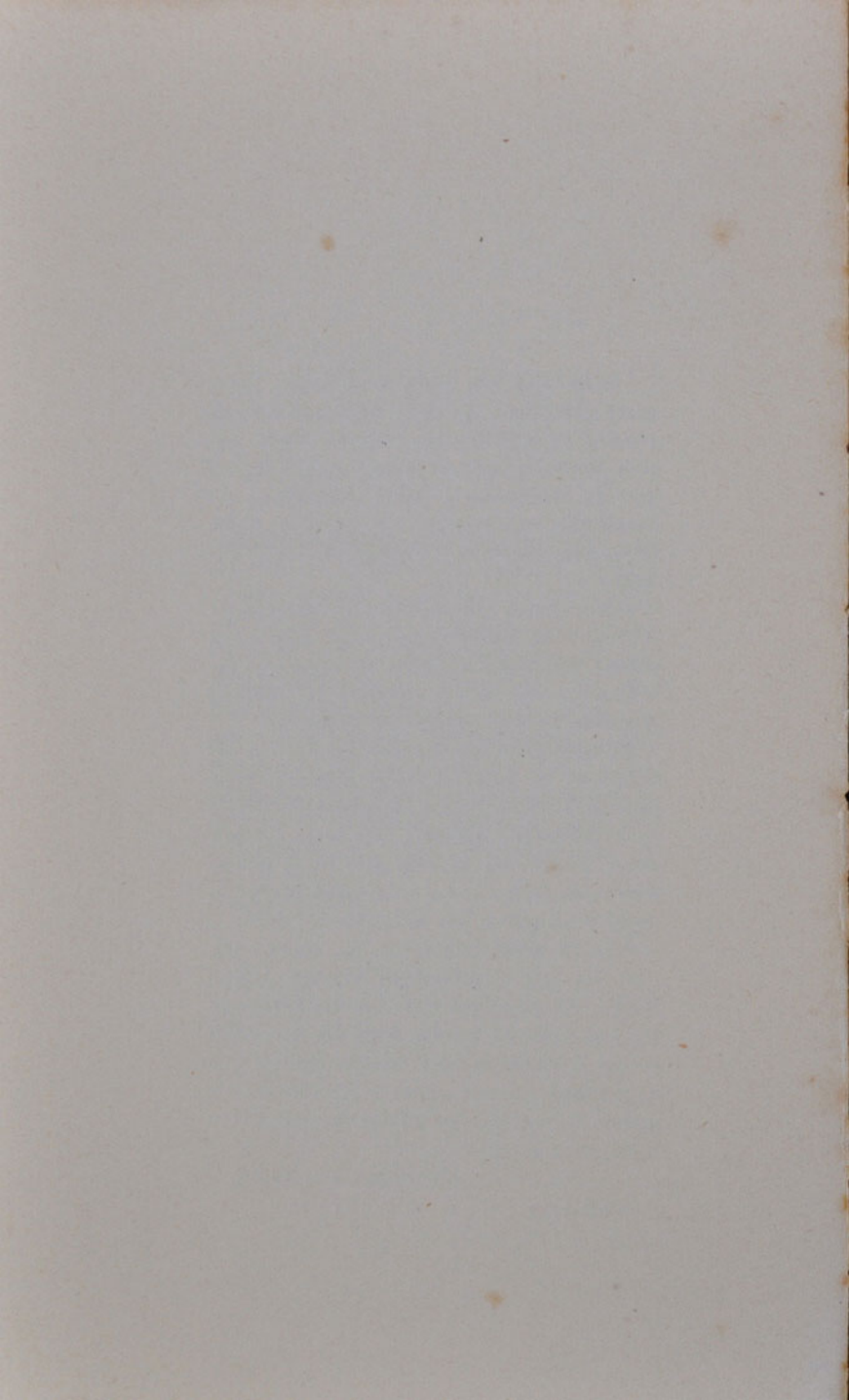
Achada pelo funcionario minhoto a exclamativa e sintetica frase, ninguem mais procurou outra. Todos na coluna da direita se declinavam e diziam o que eram e donde eram. Porêm na da esquerda havia unicamente um longo cortejo de aspas enchendo de alto a baixo todas as laudas do livro...

Pois eu estou como os tais. Após a leitura do que escreveram Afonso Lopes Vieira, Alberto Osorio de Castro, Fernando Pessoa, João de Barros, Julio Dantas, João Lucio e Mario de Sá-Carneiro, entendi que o melhor era pôr aspas e assinar-me, de ambos os meus caros poetas Antonio Ferro e Augusto Cunha

camarada e admirador,

7-VII-1914

AUGUSTO GIL

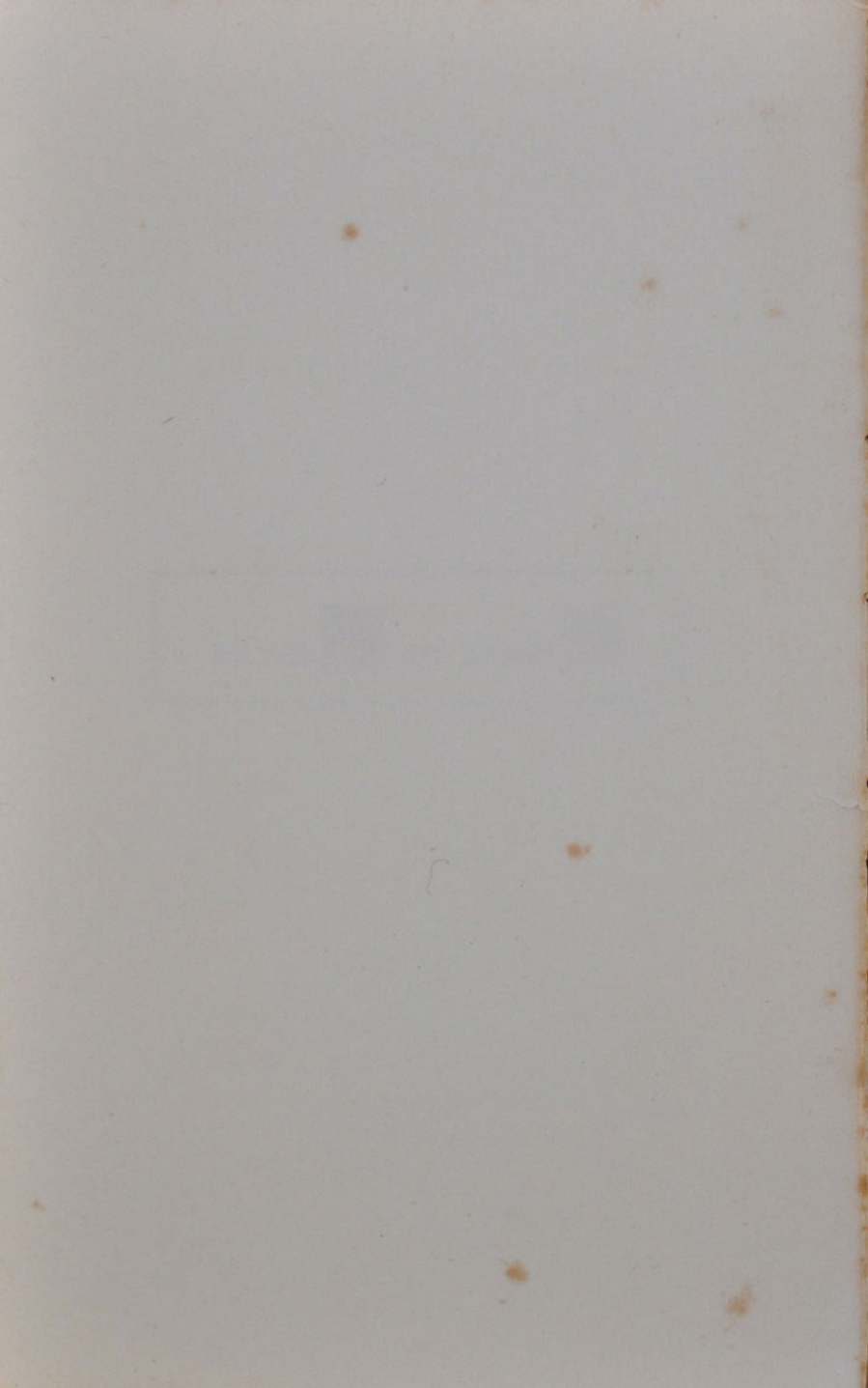




ISSAL DE



ROVAS



issal com Deus e sem crentes,
Cheio de profanações,
Missal para ser rezado
Por quem não sabe orações...

MISSAL DE TROVAS



Na caravela do sonho
Tambem fui navegador:
Lancei-me no mar da vida,
Descobri o «Meu amor».



A lua é uma quimera
Dum poeta lá do céu,
E que á fôrça de sonhada
Ficou branca, envelheceu...



Portugal é uma canção
Toda feita em redondilhas,
Passa de avós para netos,
Passa de mães para filhas.

MISSAL DE TROVAS

Tua alma é um breviário
Que ha-de lêr um coração.
Tua boca é um rosário,
Que pena não ser christão...

Corações de portugueses
São folhas de malmequeres
Desfolhados, quasi sempre,
Por mãos lindas, de mulheres.

Se Jesus vivesse agora,
E se elle te visse um dia,
Não se importava co'o mundo,
E só p'ra ti viveria.

Aquele pequeno lar
Onde contigo vivi,
Já conteve o mundo todo,
Porque te conteve a ti.

De mistura com o linho,
Que vais fiando entretida,
Sorrindo-te para mim,
Fias-me também a vida...

Nessa linda cinturinha
Poisou um raio de luar.
E' preciso ter cautela,
Não te vá ele quebrar...

Com inveja das estrelas
Quizémos ir para o céu:
Olhámos um para o outro
P'ra lá fui num olhar teu...

Aalentavam-me a alma
As tuas mãos tão geladas,
Pedacos brancos de sol
Despertando madrugadas.

Se Vulcano inda vivesse
Se imperasse inda nos céos
Quando lhe faltassem raios
Buscava-os nos olhos teus.

O teu coração é d'oiro»
(Disse um poeta inspirado)
Não creio... pois se assim fosse
Não mo terias tu dado.

Perguntas porque ha no céu
Tanta estrelinha a brilhar?
Foi o Senhor que as creou,
P'ra te fazer um colar.

eus tambem se fez poeta,
Tambem da graça é cantor,
Dos olhos da minha amante
Fez dois poemas d'amor.

amor tem um sinónimo,
Tem uma palavra igual:
Entre nós os portugueses
Significa Portugal.

e a tua boca divina,
De desejos fina rede,
Fosse uma fonte de beijos,
Andava sempre com sêde...

uiz tirar o meu retrato
P'ra to poder ofertar
Se estava na tua alma
Como o podia tirar?

Minha carta eram dez folhas
A tua, palavras frias,
Teu amor já tem dois anos
O meu não teve dois dias.

Amor é religião
Sem templos, sem relicários,
Dizem missa uns olhos negros,
As almas são breviários.

Tua alma é um labirinto.
Perdi-me... quiz-me salvar:
Caí no teu coração,
Nunca mais posso voltar.

Se eu um dia te morresse,
O que farias, querida?
Tratava do teu enterro,
Cuidava da minha vida.

Mandaste-me muitos beijos
Na carta que recebi...
Vem-mos antes tu cá dar,
Que eu aqueles não senti.

Cuas mãos, minha creança,
São activas flandeiras,
Que sem treguas, nem cancelas,
Vão fiando a minha esp'rança.

Para a vida do amor
Acabaste de nascer:
Vem lançar-te nos meus braços...
E' preciso adormecer.

Dizem todos que eu sei muito,
Mas creio que não sei nada...
Pois se ainda nem sei ler
Nos olhos da minha amada!

Se fossem versos, os beijos
Da boca duma morena,
Perderia a vista a le-los,
Seria cego sem pena.

Alua da minha terra
E' tão velhinha coitada;
Quantos amantes guiou
Ao balcão da sua amada!

Um beijo é prova banal
Dum sentimento profundo;
E' vulgar, é natural...
P'r'um beijo teu, dava o mundo.

Fecho no meu coração
Este amor, de que só vivo,
Mas teu olhar é mais forte,
E lá se evade o cativo.

A saudade é velho lar
Situado ao meio da vida:
Se cá fóra ha temporal
Vae-se lá pedir guarida.

De que patria é o amor?
Quando nasceu? em que mez?
O amor nasceu connosco,
O amor é português.

O' Portugal, nau sem mastros,
Desde a hora em que tu duras,
Os teus marinheiros dormem,
A sonhar com aventuras.

Quem quer dor, quem quer a dor?
Olhem que vae acabar!
Vendo a dor, sou vendedor,
Mas ninguem ma quer comprar.

Teus olhos são duas fontes
Donde está sempre a correr
A luz, o amor, a bondade...
Tenho sede... vou beber...

No ruidoso mar da vida
Naufraguei e me perdi;
Pedi protecção ao céu,
Salvei-me. Olhei para ti.

Os teus olhos são dois lagos
Tranquilos, da côr do mar:
Na sua tranquilidade
Minha alma se vae banhar.

Confundimos nossas almas:
Separa-las não convinha...
Se partes, fica-me a tua,
Tu, levas contigo a minha.

ortugal é uma saudade
Dalgum cavaleiro andante,
É um beijo enfeitado
Nos labios da minha amante.

o cofre da tua boca
Ha um marfim que eu desejo.
Vou forçar esse tesouro,
Com a chave do meu beijo.

uiz acordar para a vida,
Busquei um despertador.
Achei-o no teu olhar,
Mas só despertei a dôr...

s teus olhos são dois soes» —
(Disse um poeta qualquer).
Não me derrêto por ti,
Isso é com outra mulher.

E' muito cruel o amor
Que me traz acorrentado:
Faz-me procurar teus olhos,
P'ra me pôr embaraçado.

O sonho é ilusão cruel
Que sempre nos faz sofrer.
Quantas vezes te possuo...
Para depois te perder.

Como é triste ir para longe
Sem ter saudades de alguém;
Mas mais triste é ter saudades
De quem de nós as não tem.

Sou rico nada mais quero:
A vida é boa p'ra mim;
Tenho o céu, uma casinha,
Teu amor — um mundo emfim.

Portugal, velho romeiro,
Encostado a um bordão,
Veio pedir-me uma esmola:
Eu dei-lhe o meu coração.

Meu coração é collegio,
De que eu sou o professor,
E onde as lindas raparigas
Vão aprender o amor.

Encontrei-te no meu sonho,
Depois vi-te passeando;
Não te quiz acreditar,
Julguei que estava sonhando.

Jurando um amor sem fim,
Uma carta me mandaste:
Foi a tua mãe que a fez?
Ou tu é que a copiaste?

Que me qu'rias loucamente
Disseste a um meu amigo.
«Loucamente»... também acho:
Já são uns vinte comigo...

Saudades de portugêses
São de beijos de mulheres.
Saudades de portugêsas
São dos galões dos alferes.

Tambem sou religioso
Tambem quero a vida calma,
Vejo os teus olhos, — um céu,
E o paraíso, — tua alma.

Ao ver-te numa janela,
Tão rosada e tão direita,
Julguei ver numa vitrine
Uma boneca mal feita.

Só tu és a minha vida
E a minha dei-ta por fim,
No dia em que nós morrermos,
Morro em ti, morres em mim.

Opapel em que me escreves
Sem pontos nem orações,
Mata mais o meu amor
Que o papel mata... borrões...

Prque choram os teus olhos?
Porque te inundam o seio?
Teem pena — dizem êles —
De estar num rosto tão feio.

Sinto-me muito doente,
Ando triste de canceira,
Dá-me xarope d'amor,
O' minha linda enfermeira.

Tua boca é um campanário,
O teu corpo uma egrejinha,
E lá dentro a tua alma
Tange e reza pela minha.

As rosas que tu me trazes
De tão vermelhos matizes,
Quem sabe se foram labios
De dois amantes felizes!

Pedi-te só um abraço
Não quizeste... era um perigo...
Mas dançaste toda a noite
Abraçadinha comigo.

Da mulher o coração
E' um tribunal fechado,
E quem nele fôr julgado,
Não espere absolvição.

enho ciumes do sol
Ao beijar teu corpo belo;
Se não fosse lá tão longe...
Ia pedir-lhe um duelo.

nossa terra é uma rosa
Que murcha constantemente;
Mas a murchar e a florir,
Viverá eternamente.

s teus braços são cadeias
Com que tu, ó minha qu'rida,
De tal maneira me enleias,
Que fico lá toda a vida.

u vivi num coração
Muito tempo, até agora:
Como não pagava a renda
A dona mandou-me embora...

P'ra que rezas ao teu Deus?
Pede-me antes o que queres;
Sou um Deus mais verdadeiro,
Faço tudo o que quizeres!

Nossa casinha é um céu,
Céu lindo do nosso amor;
Tu falas-me: escuto os anjos,
Zangas-te: ralha o Senhor.

Cada vez que na janela
Meu olhar te vê, Maria,
Digo logo: isto é calor,
Ou alferes de artilharia.

Qua boca é uma gruta
Purpurina e de marfim,
Donde com frases d'amor
Saem beijos para mim.

s teus olhos lançam raios
Que me acendem a paixão,
Mas eu tenho um pára-raios;
Caem no meu coração.

o meu lar todo florido
Vai trepando uma roseira,
Os nossos filhos são rosas,
Nós somos a trepadeira.

entem os sabios descrentes.
A lua tem habitantes:
E' o mundo dos poetas,
Onde vivem os amantes.

uando o Senhor cravejava
De estrelas os altos céos,
Deixou-te cair na terra...
Tombaste das mãos de Deus!

O sol diz muito orgulhoso
Que não se deixa vencer...
Olhasse-o a minha amada,
Sentir-se-hia morrer...

Acordei sobresaltado
Julgando que o sol nascia,
Era a tua linda boca,
Que um beijo mais me pedia.

Campo verde, flores, céu,
Um pomar, um laranjal,
Como és linda minha terra
Meu berço, meu Portugal!

Teu coração é presidio,
Eu também sou condenado...
Só p'las frestas dos teus olhos
Vejo o céu e o sol doirado.



mar disse um dia á terra:
«Hei-de amar-te até morrer».
Responde a terra medrosa:
«E estás-me sempre a bater!...»



ou pobre, mas tenho um lar
Cheio de luz e paixão:
Vivo no teu coração
E lá sempre hei-de morar.



uro inverno, cae a neve,
Bato os dentes num tremor.
Só o fogo do teu corpo
Me poderá dar calor.



m contracto vantajoso,
Farei contigo, se queres:
Tu dás-me apenas um beijo,
Eu dou-te quantos quizeres...

A mulher nasceu dum beijo
Que o vento levou no ar,
Por isso é tão delicada,
Que o vento a pode quebrar.

Portugal, terra dos fados
E das mulheres ideaes,
O sol quando por ti passa,
Demora-se sempre mais.

Confessei-te o meu amor
Hontem á tarde, ao sol posto,
Tu desfolhaste umas rosas,
Nasceram-te outras no rosto.

Eu passei a minha alma
Dos meus olhos para os teus,
A tua fugiu p'ra mim,
Enganámos assim Deus.

isseste que a agua apaga.
Algumas duvidas puz:
O sol banha-se no mar,
E volta cheio de luz.

mor é velha palavra
— Menino cheio de cans.
Tambem o sol já velhinho,
Nasce todas as manhãs...

ANTONIO FERRO.

Cu és uma pomba branca
O' minha amante ideal!
Dou-te abrigo num abraço,
Já que te falta um pombal.

Eui pedir-te p'ra dançar;
Já estavas comprometida,
E ficaste-o toda a noite...
E talvez por toda a vida...

AUGUSTO CUNHA.

e as saudades fossem beijos
Duma morena que eu sei,
Andava sempre a lembrar-me
D'um beijo que te roubei.

sino da minha terra
Já deu doze badaladas,
Surgem da sombra os fantásmas...
Vêm falar ás namoradas.

á-me só um pedacinho
Do teu cabelo tão loiro,
Para que eu sendo tão pobre
Tenha também um tesoiro.

ulgaste-me apaixonado
Por eu te olhar, Santo Deus!
Os meus olhos é que foram,
E' que gostaram dos teus.

Tu és triste ou és alegre?
Francamente não percebo...
Serão prantos ou sorrisos
O que eu numa fonte bebo?...

O céu é um mar de sonho
De que a lua é caravela,
O luar navegador,
Chegou á tua janela.

Se pudesse ser o sol
A dominar as alturas,
Para que ninguém te visse
Eu punha o mundo ás escuras.

Meu olhar singrava azul
Astros de luz eram escolhos,
Aportou junto da lua,
Voltou depois nos teus olhos.



s olhos da minha amada
São dois punhais afiados.
Tantos crimes cometeram
Que precisam amolados.



u gosto d'ouvir cantar
As moças da minha aldeia.
Seus olhos são lindas trovas,
Não ha ninguem que as não leia.

ANTONIO FERRO
E AUGUSTO CUNHA.

Observação — Até á pagina 35 as quadras das paginas pares são de Antonio Ferro ; as das paginas impares de Augusto Cunha. A quadra da introdução e as que vão da pagina 36 até ao final, são feitas, cada uma d'elas, pelos dois auctores do *Missal de Trovas*.

